

ANESTRO E CIO SILENCIOSO EM PORCAS DESMAMADAS

Paulo R.S. da Silveira¹

Ivo Wentz²

Para o manejo normal e rotineiro, em um sistema de produção, tem sido recomendado colocar as fêmeas desmamadas em baias vizinhas às dos machos, para uma melhor estimulação, visando à entrada em cio. Também tem sido sugerido que a observação das fêmeas, para o diagnóstico do cio, deve iniciar no dia do desmame, fazendo um ou mais machos adultos passearem na baia das fêmeas, durante 20 a 30 minutos, pela manhã e a tarde. Quando as fêmeas são alojadas em celas individuais, os machos devem passear no corredor junto às fêmeas pelo mesmo período. O uso de cachaços sob a forma de rodízio, um pela manhã e outro à tarde, ou trocando a cada dia, é outra indicação de manejo.

Para as fêmeas que não manifestaram cio até dez dias após o desmame é recomendado o reagrupamento entre si ou com outras recém-desmamados. A troca de baia também tem sido indicada nestes casos.

Comumente, o termo "anestro" é utilizado para designar uma situação na qual os sintomas e o comportamento do cio não são detectados durante um determinado período (ex: logo após o desmame) em que era esperada a sua ocorrência. O anestro, portanto, não constitui uma desordem específica, mas apenas um sinal apresentado (ausência de comportamento estral), o qual é comum a vários problemas reprodutivos, com inúmeras causas possíveis.

Quando um grupo de porcas não retorna ao cio no prazo esperado (15 dias), após a desmama, deve-se levantar as seguintes questões: (1) os ovários desses animais permaneceram totalmente inativos; (2) ocorreu um "cio silencioso", ou seja, atividade cíclica dos ovários sem manifestação dos sinais externos do cio, pelo menos em alguns animais.

Observação do problema em granjas

Durante o verão de 1983, em duas grandes criações com manejo em confinamento total, foram identificadas 82 porcas que já se encontravam com um período médio de 31,5 dias de anestro após o desmame. Das fêmeas em anestro 68% eram primíparas.

De cada animal foram colhidas duas amostras de sangue, obtido através da punção da veia cava anterior, com intervalo de oito dias, sendo o soro separado e congelado a -18°, até a determinação de progesterona, através de radioimunoensaio em fase sólida, com o objetivo de determinar o estado funcional dos ovários desses animais e, assim, ter um diagnóstico mais preciso dos problemas reprodutivos existentes por trás desses casos de anestro.

Os dados apresentados na Tabela 1 nos mostram que 53 porcas foram consideradas seguramente com ovários inativos, porque as duas análises de concentração de progesterona

¹Méd. Vet, M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

²Méd. Vet., D. M. V., EMBRAPA-CNPSA

revelaram níveis iguais ou inferiores a 1 ng/ml de soro. Estas porcas encontram-se efetivamente em anestro. Entretanto, outros 19 animais apresentaram níveis de progesterona bastante superiores a 1 ng/ml, o que significa que seus ovários estavam ativos, apesar da ausência (ou da inacurada observação) dos sintomas externos de cio.

Ocorreram, ainda, dez casos considerados duvidosos, possivelmente relacionados com pequenos níveis de progesterona produzidos por outras estruturas do organismo e não pelos corpos amarelos.

Quando suínos considerados em enestro são encontrados com função cíclica nos ovários, isto indica que existe alguma interferência com a manifestação do comportamento estral (cio) e/ou alguma deficiência na técnica de detecção de cio.

O “cio silencioso” poderia ser provocado pela atividade aumentada das glândulas adrenais em períodos de estresse, inibindo ou encurtando o aparecimento de sintomas de cio. Embora este seja um tipo comum e diferente de anestro, o cio silencioso tem, infelizmente, recebido pouca investigação científica.

Tabela 1 – Resultado das determinações de progesterona de 82 porcas consideradas em anestro.

Níveis de progesterona (ng/ml de soro) ¹	Nº de fêmeas	%	Observações
0,01 – 1,00	53	(64,63)	Negativos
1,05 – 3,60	10	(12,19)	Duvidosos
5,00 – 31,0	19	(23,17)	Positivos

¹Limites observados no resultado de pelo menos uma das duas amostras colhidas com oito dias de intervalo.

Dentre os fatores relatados como responsáveis pela ocorrência de casos de “cio silencioso” podemos citar as claudicações, o medo (do cachaço, de outras fêmeas), doenças, sarna, lesões de vulva, barulho, restrição de movimento (superlotação), insuficiente estimulação pelo macho e defeitos do piso.

Inúmeros, também, são os fatores passíveis de ocorrerem nos rebanhos, induzindo a detecções erradas de cio. Entre, eles podemos citar a grande variação na habilidade individual dos cachaços em identificar o cio das fêmeas; as características não funcionais de certas instalações que afetam o manejo e a supervisão pelo tratador; a não utilização do macho para a detecção do cio e a ocorrência de cio muito precoce em algumas porcas (no final da lactação ou nos dois primeiros dias depois do desmame) passando despercebido pelo criador.

Em condições práticas, uma alta frequência de ocorrência de cio num intervalo de 21 – 32 dias pós-desmame, provavelmente indica a possibilidade de “cio silencioso” ou cios não detectados, além dos costumeiros casos de anestro com ovários inativos.

Sempre que grupos de porcas estiverem manifestando problemas para a entrada em cio após o desmame, devemos procurar identificar as potenciais causas do anestro com ovários inativos, tais como: baixa ingestão de alimentos na lactação e no desmame e/ou dietas com níveis baixos de energia; ambientes com altas temperaturas; superlotação e estimulação insuficiente das fêmeas.

No caso de persistirem as dificuldades, deverá ser buscado o auxílio do médico veterinário, para uma investigação clínica acurada, levando em conta dados epidemiológicos e condição dos órgãos genitais das fêmeas anéstricas. O diagnóstico preciso deste problema é importante na seleção de medidas corretivas e na prevenção dos futuros casos de anestro, os quais, em grande número, desestabilizam totalmente o cronograma de produção do rebanho.